



Gaiato

7 JULHO DE 1973

ANO XXX — N.º 765 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Férias

O 10 de Junho é termo para muitos do ano escolar. Se atendermos a que exercícios e outras provas de avaliação quase sempre foram concluídas em Maio, podemos dizer à vontade que são quatro meses de férias. É muito, mesmo para quem tenha jus a elas pelo trabalho sério ao longo dos outros oito meses!

Faz-me impressão quando passo aí por fora e vejo jovens fingindo entreter-se a fazer nada e sem sequer saberem o que fazer. E quando surgem cá por Casa, passeando-se, ou passeando suas bicicletas, enxotando-os que é o remédio de quem vive numa Comunidade onde «cada Rapaz tem a sua obrigação e é chamado a conta por ela», pois «nunca se ocupe um de fora em trabalhos que possam ser feitos por eles», que «um dia de trabalho corresponde a uma noite tranquila e são» e «é, ainda, a extinção lenta e sadia dos defeitos morais que os afligem».

Esta é a pedagogia de Pai Américo, que cada vez mais encontro certíssima.

A nossa experiência (coincidente com a opinião ouvida de oficiais do mesmo officio) diz-nos que os dias feriados são, em regra, os mais cansativos. A ocupação dos tempos livres é uma altíssima ciência sobre a qual nos temos debruçado e tentado iniciativas, como aquela de que o Quim deu notícias há pouco acerca de uma «Campanha dos tempos livres». Ele escreveu e foi ouvido. Penso que ele e outros deverão continuar a investigar e a escrever.

E se posso invocar minhas próprias recordações de estudante, lembro que nos primeiros tempos de Liceu, apesar da brevidade subjectiva dos tempos agradáveis, chegava ao Setembro já com a sensação de um período que nunca mais findava. E nos últimos anos

Cont. na TERCEIRA página



A entrada da casa-mãe de Miranda do Corvo, encontramos a fonte, as rolas e os passarinhos. São o encanto de quem se aproxima.



Aqui Lisboa

Quando este número de «O Gaiato» estiver na rua, já estarão na praia de S. Julião os nossos primeiros Rapazes, gozando da frescura do mar e dos seus ares tonificantes. É uma época muito desejada por todos, a começar pelos mais pequeninos, que há longos meses nos vêm perguntando do seu começo. Que a expectativa não seja iludida e os momentos ali passados sejam realmente inesquecíveis e revigorantes, física e espiritualmente.

Os votos acima formulados podem e devem ser extensíveis a todos aqueles que partem para férias, já que o período assim designado, infelizmente, em vez de significar repouso e descontração, representa, em grande número de casos, época de maior dispêndio de energias, físicas e anímicas, e em que a dissipação e o desgaste são a nota dominante.

Um pensamento de profundo respeito e de solidariedade queremos dirigir a todos aqueles que não têm possibilidades de se deslocar para o campo ou para a praia, por falta de recur-

sos ou por outras circunstâncias quaisquer. É que o aluguer de uma casa ou o acesso a uma pensão, ainda que modesta, e as outras despesas inerentes, são incomportáveis ainda pelos réditos da maioria das pessoas. Acresce que os chamadas colónias para trabalhadores não se podem considerar acessíveis a quem tem vários filhos e vive exclusivamente do seu ordenado e por outro lado, sobretudo nos lugares do Estado e nos meios rurais, ainda há muita gente

Cont. na SEGUNDA página

DESDE a Páscoa as Festas têm sido a nossa grande preocupação. Mas valeu tal esforço. Regressámos das vinte salas com vontade de voltar. Cada vez sentimos mais a ânsia de bem que há, em cada um que nos procura. As nossas Festas são fogo.

A vida da nossa Casa parou um pouco, quer nas oficinas, quer no campo. Começámos a retomar o ritmo normal.

Queremos não abandonar completamente a mãe-terra que se abre para nos dar o pão. O abandono do campo deseduca. Como não temos gente com vocação para a agricultura (e hoje quem é que a há-de ter?!) damos todos as mãos.

Plantámos batata, cebolas, hortaliça, tomates, pimentos, pepinos e alface. Semeámos abóboras, melões e cenouras. Colhemos as favas e enchemos a mesma terra de feijão verde. Temos procurado tratar bem as videiras e árvores de fruto. As oliveiras estão carregadinhas de flor. Os campos do milho estão verdejantes.

Hoje, sábado, um grupo de vinte e dois agarrou-se a sachar o milho e feijão branco. Levantaram-se às cinco horas e começaram logo a trabalhar. À noite querem deixar tudo pronto. Amanhã é dia de descanso.

Estou a vê-los a mexer as enxadas e a terra. É um rancho colorido. Andam com gosto. Animam-se uns aos outros. Isto é para hoje. O Agostinho, que fez a tropa nos Açores e que na próxima semana partirá para a Alemanha trabalhar de marceneiro, anda no grupo. Traz na cabeça um colorido gorro agoreano. Anda também o Fernandito que, ontem à noite, veio da Base do Montijo passar o fim de semana. Daqui a pouco virá o Flávio que assentou praça no 10 em Aveiro. O Elísio, que cumpriu a sua missão militar em Angola e que conta para lá voltar, agora a trabalhar em Coimbra, chegará também de tarde e engrossará o grupo.

Continua na SEGUNDA página

PELAS CASAS DO GAIATO

Paço de Sousa

PISCINA — O final da obra está muito perto. Talvez para o fim do mês de Julho. Mesmo assim já lá tomámos alguns banhos, tanto de dia como de noite — que era quando sabia melhor. Posto isto, continuamos em «suspense».

PRAIA — Começaram as férias! Foram em primeiro lugar os mais pequenos na companhia de uma Senhora. Permanecem em nossa casa de Azurara mais uma semana do que o costume, ou seja 3 semanas. É lógico, porque é aos mais pequenos que faz mais falta a praia. Segue, depois, o resto da Comunidade, dividida em turnos, prolongando-se até Setembro.

Esperamos que não haja problemas...

VISITA DA COMUNIDADE DE MIRANDA — No dia de Corpo de Deus, fomos visitados pela Comunidade de Miranda do Corvo, por terem vindo dar um passeio ao norte do País.

Fizeram a Celebração do dia, jantaram o seu merendeiro e foram tomar um café à nossa sala partindo, depois, para Coimbra.

TROPAS — O nosso Álvaro antigo chefe do Lar do Porto, encontra-se em casa com os tradicionais dez dias de licença para embarcar para Moçambique onde irá acabar de cumprir o serviço militar.

A Comunidade de Paço de Sousa pede a Deus que vá e volte sem nada de grave.

EXAMES — Começaram os exames da 4.ª classe.

AQUI LISBOA

Cont. da PRIMEIRA página

sem subsídio de férias ou sem cobertura de Previdência. Queira Deus, porém, que isto se transforme rapidamente para melhor, de modo a tornar as férias numa realidade palpável e não apenas na formulação de um direito teórico.

Padre Luís

TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE



Página 2 7/7/73

A nossa malta já fez a prova escrita, sem novidade.

Esperamos que a oral corra da melhor maneira.

Correu mesmo.

PROFISSÃO DE FÉ E CORPO DE DEUS — No dia de Corpo de Deus fizeram a sua profissão de Fé vinte e dois dos nossos. Uma Festa cheia de significado. Sobretudo por ter sido em nossa Capela.

Cerca das nove horas seguimos em procissão, dando uma volta à nossa Aldeia. Passámos por todas as casas e sectores de trabalho. Na Capela prosseguiu, depois, a celebração da Missa, que terminou muito perto das onze horas. Tivemos, a seguir, uma hora e pouco de intervalo e fomos acabar a festa no refeitório.

A maneira como decorreu a Profissão de Fé, foi elogiada por pessoas amigas.

Luís Nunes Marques

A venda do jornal na Póvoa de Varzim

Como é habitual, os vendedores de «O Gaiato» do norte do País escrevem, de vez em quando, para o jornal, a dar notícias. Hoje, aí vão delas fresquinhas, da Póvoa de Varzim.

Agora, de Verão, vou no sábado de manhã. Chego a Vila do Conde, corro as fábricas de conservas e passo 150 jornais. Só fico com 100 para os fregueses da Póvoa! É pouco... Tenho de levar mais. Até podia levar 300.

Como Póvoa de Varzim passou a ser cidade, os poveiros têm obrigação de aumentar a venda do nosso jornal. É tempo de praia. Há muitas pessoas que vão do Porto e doutras terras onde não falta «O Gaiato». Fregueses certos dos meus colegas, que vão até lá passar férias e me atendem com a mesma amizade.

Eu como e durmo numa confeitaria. Tratam-me tão bem! É arroz, bife, batatas fritas, bacalhau, ovos estrelados, etc. As vezes apanho cada barrigada de batata frita! E farto-me de bolos, oferecidos pelos donos da confeitaria.

Na Póvoa tenho bons amigos. Mas não devo dizer os nomes deles, porque são muitos. Alguns ralam comigo: «Se para a próxima vez não escreves no jornal a falar da Póvoa, zango-me contigo». Outros refilam assim: «Se o jornal não fala em ti, eu digo-te»...

Vejam lá como é aquela gente da Póvoa! Aqui vai um abraço para todos. E, claro, um mais apertado para os senhores da confeitaria.

Desejo a todos os leitores umas férias bem gozadas.

Salazar

CALVÁRIO

FRATERNIDADE... — Tanto se escreve e fala este nome! Mas os actuais meios de comunicação social — com técnicas sempre em constante aperfeiçoamento — nem sempre são

eco do desejo de Fraternidade. Pelo contrário!

Aqui vêem-se raros programas televisivos. Quando acontece, mormente no aspecto noticioso, pouco varia. «Massacres de vidas...»; «Em determinada região a fome flagela, devido a...», etc. etc. Isto sem contar com incidentes de vária ordem, quer entre indivíduos, quer entre nações, cujas consequências são bem conhecidas...

Quem diz na TV, diz nos outros meios de comunicação. Será, pois, a Fraternidade impossível?

Não escrevemos estes apontamentos para nos julgarem um «tipo às direitas». Nada disso! Mas servem para referenciar o que lemos, há pouco, num jornal diário, num pequeno cantinho da primeira página: «Medalha da... para o mosquito do paludismo»!

Este negativismo de Fraternidade, que tanto me chamou a atenção, repugnou-me ainda mais nesta afirmação: «... graças a este mosquito — prejudicial para uns e aparentemente benéfico para outros... — os indígenas, praticamente imunizados, prestam assim homenagem ao protector que ganhou reputação de túmulo do homem branco».

Será isto a Fraternidade que os homens, independentemente da cor ou raça, desejam?! Como andamos longe da realidade que ansiamos! Não bastam os aperfeiçoamentos técnicos de qualquer espécie... É preciso muito mais: darmos as mãos uns aos outros — como irmãos que somos, filhos do mesmo Pai que está no Céu.

Há muitos seres vítimas do negativismo, do egoísmo de muitos homens, aqui no Calvário! E muitos mais à espera de quem lhes bote a mão! Afinal, a história do mosquito é universal...

Manuel Simões

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

CONTAS — Para o vicentino é não só uma necessidade, mas um dever prestar contas.

Não nos deliciamos com os números. Seria profanar. O que não podemos, isso sim, é deixar de acentuar

a presença amiga, perseverante, generosa — e, sobretudo, espiritua-líssima — dos nossos leitores.

Durante o ano de 1972, de 47.371\$50 distribuídos pelos Pobres — pela nossa mão e pela das vicentinas — em auxílio domiciliário (géneros e dinheiro), auxílio na doença e na habitação, os nossos leitores contribuíram com 33.673\$40. Graças a Deus.

Foram importâncias que resolveram problemas. E atenuaram outros que, em certos casos, não sabemos quando e como serão arrumados completamente. Mas isso é um osso que nos dói, porque o vicentino conhece, por natureza, muitos dos motivos e consequências da miséria imerecida...

A propósito: apregoa-se já por aí — talvez por senilidade — a quase inoportunidade da acção vicentina!! Valerá a pena contestar o erro? Seria perder tempo. Não nos falta, nem faltará que fazer, infelizmente, em todos os aspectos: d'ordem espiritual, moral e material. Aqui, como nos países chamados ricos; não falando do Terceiro Mundo...

DONATIVOS — Com data de 11 de Junho chegou às nossas mãos outra carta, singela, mas sempre tão rica, de «Uma assinante do Seixal». Diz assim: «Para os irmãos da Conferência e agradecendo uma graça, envio 800\$00». Que delicadeza!

Agora, são boas notícias de um dos nossos — na Suíça. Ei-las:

«Cumprimentos para si e para toda a equipa de vicentinos, que presentemente exerce a função.

Acabo de ler o Jornal. Reflecti melhor o assunto da nossa Pobre. Por esse motivo, aqui me encontro a aliviar um pouco o seu peso, dando-lhe esta pequena importância — que foi esforço do meu dia de trabalho...»

Agradecemos. E lembramos-lhe que, na Suíça, também há equipas vicentinas. Toma lá mais um xi, ó Manel! No Espelho da Moda, uma Júlia entregou 100\$00 «por alma dos meus, para os vossos Pobres».

Mais 60\$00 dum velho amigo do Porto, como «2.º semestre» da sua cota para os Pobres da nossa Conferência.

Finalmente, 50\$00 entregues a Carlitos, no Porto.

E é tudo. Para todos, muito obrigado.

Júlio Mendes

MALANJE

CASAMENTO — Casou o Tavares Viveu na nossa Casa do Tojal e em Paço de Sousa. Lá fez o curso e veio para Malanje fazer estágio. Hoje, homem, de tropa feita, trabalha como técnico agrícola em Porto Amboim.

Foi o primeiro casamento de um Gaiato realizado na nossa Casa de Malanje, na nossa Capela, no nosso refectório, no nosso terreiro.

Senti o Tavares e a Alcina, tanto na Capela, como no refectório, no seus modos de conversar, como um seres tão próximos de toda a Comunidade... que pensei mesmo que de facto somos todos irmãos.

TRIBUNAL — O Pinto foi chamado para o meio de todos na casa 3. Pusemo-nos como se estivéssemos a ver um réu no Tribunal, um julgamento.

Desta vez o Pinto foi ao tacho dos estudantes nocturnos e pescou-lhes a carne.

O Pinto foi castigado. Todos assistiram, todos tiveram pena, mas também todos viram que o Pinto mereceu o castigo.

A ALDEIA CRESCE — Mais uma casa se ergue. Terá primeiro andar. No rés-do-chão vai ser o hospital e as novas instalações de rouparia. O primeiro andar será para mais trinta rapazes.

Precisamos de material, pois os operários atrasam a construção pela sua falta. E atrasa a entrada de trinta rapazes que já há muito pediram para entrar.

Para o rés-do-chão deram-nos tijolo os nossos amigos de Cambambe.

Para o primeiro andar veio há dois dias o Sr. Neves trazer-nos 2.000 tijolos.

Joaquim Fernandes

Tribuna de Coimbra

Cont. da PRIMEIRA página

Escrevo deliciado à beira dum rego de água com que o Mendes vai regando as cebolas. De tarde irei para Coimbra onde os vendedores de «O Gaiato» o andam a oferecer pelas ruas e onde recebem muitas atitudes de recusa. Logo à noite irei falar e pedir à Igreja de São José.

Eu acredito no espanto natural dos Amigos que nos visitam: Que lindo que tudo isto é!

Padre Horácio



São os filhos da Madalena e do Zé Lemos

Não sou digno de dar graças a Deus por tanta generosidade emanante daqueles que conhecem e amam, no sentido do bem, os nossos Rapazes. Nesta longa ausência de contas, e só a partir de Janeiro, recebemos a passar de seiscentos contos, metade dos quais para saldar dívidas com a casa-mãe. Graças a Deus, chegámos a Junho em ordem. Até ver, porque de pronto temos a casa dois a entrar em acabamento e logo depois a Capela. Entretanto acabámos a vacaria e aumentámos as poçilas. Estamos a fazer uma segunda pesquisa de água potável e creio que desta vez, com a ajuda da Engenharia do Exército, vamos concluir as zonas de recreio e desporto da Aldeia. Para tudo isto nos tem vindo a vossa ajuda que, sendo material, tem muitas vezes uma dimensão espiritual incomensurável.

Antes de mais, os nossos subscritores a quem o «Gordinho» mensalmente vai receber cerca de três contos. Depois, as presenças certas do Santos Gil com arroz, Fazol com 1.500\$, sabão, óleo e bagaço de amendoim, Cajuca com resíduos de castanha. Sena Sugar e Incomati com açúcar. C. I. M. com massa e farinha de milho, Fapobol sapatos de ténis. Entrepósito 500\$00.

De presenças individuais um Eng.º metereologista da Beira com 400\$ acrescidos, às vezes, de muito mais de pessoas de sua «íntima amizade». Da Beira também a presença antiga e sempre nova de Cruz com remessa de 500\$ e mais. De uma estudante de Medicina e seu irmão, cotas mensais do que ganham para custear os seus estudos. Além de muita amizade fraternal pelos nossos mais crescidos. Cem de uma senhora da Tranquilidade entregues mensalmente ao nosso vendedor. É uma promessa. Da Senhora de um empresário que muitas vezes paga do seu bolso os concertos da Morris e do tractor, um rancho todos os meses. Quinhentos da percentagem do ordenado. De promessas, 500\$, 200\$ e 100\$. Cinco mil por o filho ter chegado são e salvo da Guiné. Outro filho que veio entregar o seu primeiro ordenado depois de regressar do Norte. Duzentos de Pretória West, de Maria Edith. Mais quinhentos do casal da Missão de São José. Seis mil de anónimo. De um despachante 5.000\$ e 3.000\$, sempre presente nas festa do ano. Duzentos de outro. Outra promessa de mil, uma cama, colchas e outras coisas. De um sacerdote de Mariri, cem várias vezes. Vinte mil, promessa de dois filhos pela saúde da mãe. Foi aplicado na instalação do abastecimento de água da Aldeia. Uma senhora protestante com mil e outras muitas coisas que no Natal pediu às pessoas suas amigas para nós.

Na Catedral é raro o domingo que não traga o bolso quente. O peditório semestral dá-nos a passar de vinte e cinco mil. Estão os paroquianos ajudando o seu pároco a levantar a «Pax Cristi» para incuráveis, mas os nossos não são esquecidos. Posso dizer que em globo a maior ajuda da cidade vem

LOURENÇO MARQUES

de paroquianos da Catedral. Ali nos entregam notas de todos os tamanhos, roupas e guloseimas. Os nossos vendedores idem. Pessoal da Permar também ali deixa a sua ajuda mensal de cerca de 250\$. Um senhor a pedir orações pela esposa doente, cinco mil por duas vezes. Outra Senhora a pedir por uma filha que foi agora mãe, cem e mais, todos os domingos. Por alma de todos os defuntos, mil.

Na ida a África do Sul, dez mil escudos de assinaturas e ofertas na Casa da D. Fernan-

da Brás, dados pelos familiares de pessoas amigas de Benoni e Boksbourg. A menção do nome não fere a modéstia de quem tanto nos tem ajudado, mas é para confirmar que tudo nos é entregue com muita alegria. Pela mão de outra nossa amiga de L. M., 1.500\$ do casal Ramalho Mendonça, mais 600\$ de Pretória; entregues à mesma, a passar de quatro contos em assinaturas e donativos. Mais quinhentos e 1.960\$ de Funcionário do Serviço Metereológico. Outro casal, muito nosso com 2.000\$ da grati-

ficação anual, mais 3.650\$ da Família de Alcobaça. Outra não se tem preocupado conosco!

Pela sua mão têm vindo os guias e escuteiros da Capela Militar, que como grupo de juventude animado e são, muito nos tem apoiado com a sua alegria e amizade. De roupas que arranjaram e venderam, 1760\$, mais não sei já quanto da outra vez. Mil pelo Natal e uma prenda para cada um dos nossos como é tradicional já. Mercearia e roupas no Carnaval, em que vieram con-

viver e divertir-se com os nossos. E ainda dos pais que também nos visitaram nessa altura, 380\$.

A porta do Tribunal Militar quatro mil de um Jovem Engenheiro. Mais dez mil e tal do nosso Manuel Pedreiro, seus familiares e empregados. Um mundo de guloseimas para todos pelo Natal e Páscoa. Também os nossos Rapazes antigos por cá deram cinco mil, doutro mil, outro a passar dos mil e dois mil dos que estão na Zambézia. E outras coisas de outros e a amizade deles todos.

Finalmente a Escola Dominical da Igreja Metodista Sul Africana com o Pastor à frente e 1.220\$, num belíssimo lanche; horas de íntimo convívio conosco.

Bem hajam de Deus numa medida muito maior.

Padre José Maria



A saúde é um bem precioso que pede muitos cuidados. Bem andam os governos dos povos que põem como preocupação cimeira o sector da saúde.

Ter bons hospitais, devidamente apetrechados é um passo indispensável. Ter pessoal preparado e em número suficiente dá tranquilidade a quem busca remédio para os seus males. Tudo isto constitui uma meta difícil de alcançar.

Mas, para além dos hospitais e do pessoal necessário e competente, há outros sectores ligados à saúde de um povo que merecem cuidados especiais também. Referimo-nos ao sector da habitação. Em terras subdesenvolvidas como esta onde vivemos, sujeita a epidemias de toda a espécie, dadas as circunstâncias de clima e outros factores, o problema da habitação clama por solução urgente. Grande parte do seu povo vive em condições impossíveis de molde a prevenir a doença, e a conservar a vida depois de atacada a doença. A barraca tem que ser substituída pela casa com o mínimo de condições de sanidade. A mortalidade infantil atinge, por vezes, índices elevados, alarmantes. E uma das causas está nas condições precárias em que vive a pobre gente.

Se é consolador, por um lado, verificar que grande número de mães com seus filhinhos a tiracolo, se dirigem ao dispensário de puericultura a receber os cuidados de pessoal habilitado, por outro lado é desolador vê-las a caminho das suas cubatas, que tornam inúteis os cuidados recebidos. É um círculo vicioso, que só tem uma saída: a substituição da barraca pela casa. E caminha-

mos tão lentamente neste sector da vida que receamos ainda pelo sacrificio de muitas vidas inocentes a gritar contra a nossa inércia. É um problema gravíssimo a urgir solução. Há que comprometer todos os sectores nesta batalha, desde o sector oficial, que deve ir à frente, até aos sectores particulares. É um campo onde há urgência de investimento de avultados capitais humanos e de dinheiro. E a Igreja tem a palavra neste campo. Só a palavra, não. Tem que dar o exemplo.

Padre Manuel António

FÉRIAS

Cont. da PRIMEIRA página

e nos de Universidade, a sensação era amargada por um certo sentimento de culpa ou de vazio.

Eu sei que o Campo da Educação Nacional é um mundo imenso que deve subjugar os seus Responsáveis. Mas se há uma Secretaria de Estado para outros sectores de formação humana, que não propriamente os escolares, que ela se dê com muita humildade, sem preocupação alguma de fazer «bonitos» e de dar nas vistas, à procura de pistas muito à medida dos nossos parcos recursos nacionais para o preenchimento útil de tão longos tempos livres — útil à própria Juventude e à Nação inteira: talvez, até, mais construtiva de uma mentalidade de mais são patriotismo que tantas actividades onde a pureza da idea

Escrevo as simples notícias do dia a dia, da nossa e vossa Casa, há tanto tempo esperadas pelos mais interessados. Com pena o digo, as tecedeiras dos chales têm estado em férias forçadas, pois, segundo parece, os chales deixaram de se usar. O que lhes valeu, é que o Governo está a olhar para o trabalhador do campo, de uma maneira muito favorável e de direito.

Quanto às raparigas que trabalham nos teares, também ajudam as famílias e aprendem uma arte. O que é preciso, é que não falem as encomendas! Presentemente, também não têm sido muitas, e há tantos leitores que desconhecem o que nesta Casa se faz. Quem é que não precisa de passadeiras, colchas de lã e algodão, ou de gaze, que são mais em conta? Mas estas só servem para camisas de corpo e meio, como é costume dizer-se, pois só medem 2,50x1,60. Tapetes, carpetes, pegas para tachos, soquetes para dormir no Inverno, que são tão quentinhos; jogos de

ORDINS

sala de jantar em juta e ouro; conjuntos de lã, que se usam sempre ao longo do ano? De tudo fazemos, até colchas em crochet, de lã, e que ficam lindíssimas. O que é preciso, é que os leitores se interessem, e mandem fazer sem receio.

Com as sobras é que nós fazemos face às despesas da Casa, e cuidamos de 5 Pobres da nossa Conferência. Pedi, em Abril, quando saiu o nosso último artigo, 5.000\$00 para o concerto duma casa, onde toda a família vivia apenas numa sala. Só juntei 2.500\$00 e foi porque duas pessoas, ambas de Lisboa, deram 1.000\$00 cada; uma até foi por intermédio do Sr. P.e Luís, da Casa do Gaiato do Tojal. Em meu nome e da protegida agradeço. Como vêem, faltam ainda 2.500\$00, que espero os leitores correspondam quando estas notícias lhes chegarem às mãos.

É tudo por hoje. Fico à espera da vossa generosidade, pelo amor de Deus e dos nossos Irmãos.

Maria Augusta

rente. Sobretudo em meios rurais. O pároco deveria recordar a ingente aculturação que à sombra dos mosteiros se fez noutros tempos. Ele não é um técnico de lavoura, mas nada obsta que o seja, se o bem do homem o reclama. Quando o padre está ao serviço da libertação e promoção do homem está no seu lugar. E para aí tanta gente sem fazer nada por não haver quem os convide para «trabalhar na vinha» do progresso... Daí a pobreza.»



DIÁRIO DUM SOLDADO

Faz agora um ano que deixei de pertencer aos efectivos do Exército. Nessa efémera passagem de quase três anos, reconheço que muita coisa aprendi. Se fiquei a conhecer de perto muito do que julgava não passar de mera fantasia contada; se se me aguçou o espírito com tanta e tão diversa novidade; se senti na própria carne a dureza duma guerra que dia após dia se trava no Ultramar Português; se, por minha própria experiência, fiquei a conhecer a face macerada dum povo que há já longos anos vem sofrendo as consequências dessa guerra; se na verdade passei a conhecer todos estes pormenores — foi, no entanto, no contacto com os homens, com as suas mentalidades, com as suas dife-

rentes maneiras de ser, pensar, sentir e reagir, que mais aprendi. Quão diferente se mostra um homem, quando envolto nessas centelhas fugazes que constituem o peregrinar de dois anos numa terra onde tudo é inhóspito!...

Nunca é demais falarmos em nossas vivências, quando com elas levamos esclarecimento a quem não sabe ou até mesmo a quem delas nunca se apercebeu. Nessa terra adversa, tudo vem ao de cima, desde a estrutura bem formada dos verdadeiros homens até à miséria mais comestível dos que nunca se chegaram a construir. Não há a mínima possibilidade de iludir quem com eles convive. As condições do meio obrigam o homem a mostrar-se tal como é, numa luta empolgante para

fazer face aos tremendos problemas que a cada instante o assaltam. A personalidade é encapada enquanto resistem vivas as imagens da terra natal. E regista-se de novo ao aproximar da hora do regresso. No meio destes dois tempos, ele esforça-se por mostrar aos outros aquilo que nunca foi. Entre os primeiros seis meses e os últimos seis meses, medeia um tempo de aproximadamente um ano, ano esse dominado pelos mais díspares sentimentos. E nesses dias longos e intermináveis, que as imagens da terra natal e dos amigos e familiares lentamente se vão desfigurando e a satisfação do regresso ainda nem se põe, porque é coisa demasiado longínqua. É que um ser humano se então liberta dessa tal crosta

de estrutura fingida, até a fazer desaparecer por completo. E assim, sem de tal se aperceber, se vai mostrando aos outros tal como realmente é. E situação após situação, facto após facto, atitude após atitude, vai saindo cá para fora toda a educação de base que possui, todos os valores humanos e espirituais que cultivou e a personalidade que com a junção conseguiu construir. Por tudo isto, é que nessa altura é muito fácil separarmos os homens autênticos daqueles que quase ou mesmo nenhum valor possuem.

Todos eles são cheios de erros e de inexperiência, mas enquanto uns são tidos em respeito e consideração, por força das suas virtudes e qualidades, os outros são tidos na conta de «pobres diabos» ou «máquinas», dignos de comisseiração, de descrença ou de risos escarninhos.

x x x

A tropa ocasiona problemas nesta «organização desorganizada» que é a Casa do Gaiato. Quando o rapaz começa por dar um contributo válido à comunidade, vem a vida

militar que o chama. E tem de se começar a formar de novo alguém que o substitua. E depois desse, a outro vem a suceder o mesmo. E o trabalho de formação volta a repetir-se. Um circuito fechado que tantas vezes dá para desanimar e pensar-se até em o destruir simplesmente. Que a vida comunitária se perturba com a saída de um filho, isso é uma verdade inabalável. Mas daí a dizer-se que tudo isso seja prejudicial ao próprio rapaz, isso é que não. O rapaz precisa de ir lá, para saber avaliar por ele próprio o que é bom e o que é mau, o que presta e o que não presta. E cumprindo o serviço militar aqui na Metrópole o rapaz não colherá os mesmos frutos?, pergunta-se. Aqui colhe frutos válidos, mas não tão fortes como os que porventura poderá tirar duma vida agreste e do'rosa como a que se lhe depara no Ultramar, sobretudo nas terras marcadas pela guerra. Por isso, se no «perder» da comunidade estiver o «ganho» do rapaz, a obra de desenvolvimento e formação que a Casa do Gaiato tem em vista, continuará sempre de pé e cada vez mais forte.

Rogério

NOVOS ASSINANTES DE «O GAIATO»

● CORREIO DOS LEITORES

No curto prazo de um mês, temos aqui uma grande série de novos assinantes!

Para um jornal como o nosso — no limiar do 30.º ano — este sangue novo é muito salutar. Além de engrossar o número de presenças activas, mostra — sem pretensões — como «O Gaiato» pulsa nas veias que irrigam a alma dos nossos leitores, jovens e adultos.

Em Atouguia da Baleia houve uma Professora Primária que não se contentou, durante o ano, a ministrar aos alunos só os conhecimentos obrigatórios do programa oficial. Procurou que eles descobrissem outros horizontes. Ora vejamos:

«Estimo que este postal vá encontrar os Gaiatos bem de saúde. Eu fico bem, graças a Deus.

Façam o favor de me enviar o jornal «O Gaiato» para eu o ler, do qual gosto muito.

A minha Professora é que deu esta ideia, para a gente pensar nas Casas do Gaiato. Adeus...»

Esta é a Maria Emília. Agora, vem lá o Nuno:

«Prezados amigos: Gostaria de ser assinante do jornal «O Gaiato», que admiro e leio.

Junto mando uma pequena oferta em selos do correio...»

Benditos Alunos, bendita Professora!

Outra presença, de Mangualde, com muita substância:

«Junto envio 50\$00 para uma nova assinatura do vosso e nosso muito querido jornal «O Gaiato».

Sou assinante há muitos anos e já lhe quero como a coisa minha...»

A assinatura que vos peço é para uma amiga minha...»

A leitura do jornal faz-nos bem, é um exame de consciência, que nos mostra a verdadeira Vida...»

A seguir, temos uma carta de Vila Nova de Ourém, idêntica a muitas outras, recebidas durante o ano:

«Peço a fineza de me informarem a quanto monta o débito do meu falecido Pai. Nos últimos anos em que recebemos o jornal não cumprimos o dever de satisfazer essa dívida; mas podem crer, só o desleixo e nada mais foi a causa desse proceder.

Depois do pagamento dos jornais, gostaria que ele recomencesse a sua visita quinzenal. Quer dizer, desejamos voltar a ser assinantes. Pedindo desculpa da nossa falta...»

No maço de correspondência há mais duas notas que nos alegam. Os pedidos directos de inscrição, isto é, sem intermediários. É a alegria exuberante de um valente grupo de leitores que motivam gente fresca para as fileiras de «O Gaiato», na rua

ou no trabalho, no café ou nas próprias residências. E passam logo notícia — se o interessado estiver de acordo. Como esta:

«Tenho a alegria de comunicar que envio a morada e o nome de mais um assinante...»

Alegria!

● DO MUNDO PORTUGUÊS

Setúbal marca presença em cheio. Coimbra, idem. Lisboa e Porto, uma procissão. Passa, agora, Almada, Amadora, Albergaria a Velha, Gafanha da Nazaré, Carcavelos, Linda-a-Velha, Vila Nova de Gaia, Leiria, Guimarães, Verdemilho (Aveiro), Gavião (V. N. Famalicão), Viseu, Guarda, Santarém, Cîte, Mogadouro, Corroios, Vilar Formoso, Matosinhos, Entroncamento, Parede, Rio Tinto, Miranda do Corvo, Penela, Covilhã, Vale de Cambra, Perafita (Matosinhos) e de Ovar outra procissão.

Do Ultramar, registamos presenças de Angola: Porto Amboim, Cabinda, Luanda, Malanje, Salazar. Da outra Costa: Macusse (Quelimane) e Lourenço Marques.

● DO ESTRANGEIRO

Vamos fechar a crónica d'hoje com novos assinantes de Newark, Estados Unidos da América — onde contamos grande número de leitores — e da Suíça.

Onde houver um português está «O Gaiato»!

Aqui vão, para todos, muitas saudades de Portugal.

Júlio Mendes

Não sabemos até que ponto a maior parte das pessoas está consciente deste acontecimento. Também não imaginamos que quantitativo de crianças terá festejado o dia que lhes era exclusivamente dedicado. E não vimos que os órgãos informativos tivessem tentado uma notificação consciente deste dia, quer ao nível das camadas escolares, quer junto das populações. Em breve síntese, concluiremos desgostosos que neste naco de terra a que pertencemos, pouco ou nada se fez para que a Criança tivesse efectivamente o seu Dia e pouco ou nada se fará para que se sinta que o ano de 73 é realmente o seu Ano.

Salientemos, contudo, as palavras oportunas inseridas em suplementos de alguns jornais de grande circulação, incluindo o «República», que promoveu inteligentemente o facto, de modo a levá-lo ao conhecimento perfeito dos seus leitores. Em artigo intitulado «Que futuro para a Infância», o articulista escrevia: «As crianças continuam vítimas de uma sociedade que não escolhem, mais vulneráveis do que qualquer outra camada às carências que lhes deformam o organismo físico e psíquico, objecto de exploração através do trabalho. Existem no mundo mais de um bilião de crianças com menos de 15 anos. Neste número, milhares e milhares nascem já condenadas. Condenadas a sociedades injustas, isto é, que não estão espiritualmente preparadas para as defender, nem, o que é pior, preocupadas em estudar e planificar uma acção efectiva que transcenda o marginal das boas funções en-

ANO DA CRIANÇA

cadernadas em decretos, despachos, actas de congresso e conclusões de inquéritos!...

Entretanto, o princípio 7 da Declaração dos Direitos da Criança de 1959 afirma que ela «tem o direito a uma educação que deve ser gratuita e obrigatória», com a qual se possa desenvolver de molde a viver um clima igualitário e apresentar o produto das suas potencialidades físico intelectuais perante a sociedade em que se integra. Diz a parte final do citado princípio que «a sociedade e os poderes públicos devem esforçar-se por favorecer o gozo deste direito»!

Desçamos aos Barredos. Subamos as serranias do interior. E haveremos, com certeza, de aí encontrar todo o potencial necessário para uma resposta convincente... Quem dera que as crianças de Portugal pudessem viver num clima de igualdade perfeita; pudessem festejar o Dia e o Ano que lhes são dedicados. E, sobretudo, que o poder público fosse o fiel servidor dos pratos da balança onde aquelas estão colocadas, dando iguais garantias a umas e a outras, porque elas têm esse direito...

Álvoro

